



# Licenciatura em Espanhol

**Teoria da Literatura I**  
Ana Santana Souza  
Ilane Ferreira Cavalcante

**Forma e Conteúdo na Poesia V:  
Análise poética**

Aula 14



GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República  
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação  
FERNANDO HADDAD

Diretor de Ensino a Distância da CAPES  
JOÃO CARLOS TEATINI

Reitor do IFRN  
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

Diretor do Câmpus EaD/IFRN  
ERIVALDO CABRAL

Diretora Acadêmica do Câmpus EaD/IFRN  
ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Coordenadora Geral da UAB /IFRN  
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Coordenador Adjunto da UAB/IFRN  
JÁSSIO PEREIRA

Coordenador do Curso a Distância  
de Licenciatura em Letras-Espanhol  
CARLA AGUIAR FALCÃO

## TEORIA DA LITERATURA I

Aula 14

Forma e Conteúdo na Poesia V:  
Análise poética

Professor Pesquisador/conteudista  
ANA SANTANA SOUZA  
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Direção da Produção de  
Material Didático  
ARTEMILSON LIMA

Coordenadora da Produção de  
Material Didático  
SIMONE COSTA ANDRADE DOS SANTOS

Revisão Linguística  
ELIZETH HERLEIN

Coordenação de Design Gráfico  
ROSEMARY PESSOA BORGES

Diagramação  
HERBART MUNIZ DE AZEVEDO JUNIOR

Ilustração  
MATEUS PINHEIRO DE LIMA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Joel de Albuquerque Melo Neto CRB 15/320

C837i Souza, Ana Santana.  
Teoria da literatura I / Ana Santana Souza, Ilane Ferreira  
Cavalcante. Natal : IFRN, 2012.  
Várias paginações : il. color.

ISBN 978-85-8333-032-5

1. Teoria da literatura. 2. Literatura – Estudo e ensino. 3.  
Literatura – Conceito. I. Cavalcante, Ilane Ferreira. II. Título.

CDU 82.0



## Aula 14 Forma e Conteúdo na Poesia V: Análise poética

### Apresentação e Objetivos

---

Olá. Vamos à última aula da unidade sobre forma e conteúdo na poesia? Esta também é a penúltima aula dessa disciplina. Depois desta aula, temos uma aula de encerramento que, na verdade, ao invés de encerrar, abre mais algumas portas no processo de leitura e interpretação literária. Mas isso é uma outra história. Nesta aula, você vai conhecer alguns passos necessários para fazer uma análise poética. Não é uma receita, pois não existem receitas, mas algumas informações e dicas que são úteis para elaborar uma boa interpretação de um texto poético. Além disso, você vai ler um exemplo de análise poética que pode servir de parâmetro para que você possa fazer a sua análise.

Ao final desta aula você deverá:

- conhecer alguns passos imprescindíveis à análise poética;
- saber como interpretar um poema.



## Para Começar

### Catar Feijão

Catar feijão se limita com escrever:  
jogam-se os grãos na água do alguidar  
e as palavras na folha de papel;  
e depois, joga-se fora o que boiar.  
Certo, toda palavra boiará no papel,  
água congelada, por chumbo seu verbo:  
pois para catar esse feijão, soprar nele,  
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:  
o de que entre os grãos pesados entre  
um grão qualquer, pedra ou indigesto,  
um grão imastigável, de quebra dente.  
Certo não, quando ao catar palavras:  
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:  
obstrui a leitura fluviente, flutual,  
açula a atenção, isca-a com risco....



Fig. 01 - Catando feijão

João Cabral de Melo Neto

O poema *Catar feijão* traz, em seu título, uma ação do cotidiano, simples, de dona de casa, mas associa esse ato, o de catar feijão, ao fazer poético e descreve, passo a passo, em que essas duas ações se assemelham e em que elas diferem. Elas se assemelham, diz o poeta, no fato de que o poeta, ao elaborar um poema, tem à sua disposição inúmeras palavras e formas, assim como aquela pessoa que cata feijão também tem inúmeros grãos para escolher. A escolha do cozinheiro se faz eliminando o que sobra: palha, pedra, grãos ocos. A escolha do poeta também é importante, ele

deve eliminar tudo o que sobra, pois a poesia é feita de contensão, com o mínimo de palavras. Mas, alerta João Cabral, para o poeta, a pedra é essencial. Aquela pedra que o cozinheiro joga fora, para que não quebre o dente de quem comerá o feijão depois, é valorizada pelo poeta, pois, diz ele, *dá à frase seu grão mais vivo:/ obstrui a leitura fluviante, flutual*, isto é, chama a atenção do leitor, acorda-o, isca-o com o risco.

Ponderar sobre o estudo da poesia, sobre as teorias que pensaram a literatura, sobre a história das formas poéticas, sobre a criação de imagens e sons no texto, tem sido o teor desta disciplina. Agora, nesta aula, você vai perceber que tudo o que você estudou até aqui funciona como uma espécie de alicerce, útil para que você compreenda o poema, o objeto concreto textual, elaborando uma análise que, como o poema acima, indique o processo, (o procedimento, lembra do formalismo?) como o poema foi elaborado, desmembrando seus elementos através de uma análise, com a finalidade de interpretar o texto e elaborar uma síntese dessa interpretação, uma análise poética.

Assim é



## 1. Para analisar um poema

Analisar um poema é um exercício de leitura. Como tal, não basta decodificar o texto, ou indicar as figuras de estilo encontradas ou a estrutura do texto. É preciso compreender o porquê, naquele texto, da presença daquelas figuras de linguagem e daqueles recursos sonoros utilizados pelo poeta. Muitas vezes, os alunos se perguntam, mas, será que o poeta pensou realmente nisso ao elaborar o poema? Na verdade, isso não é tão relevante. O mais importante é que, tenha sido intencional ou não, o recurso está lá e, com certeza, ele contribui para a construção do todo. Mas, não se engane, em geral, o poeta sabia, sim, e pensou, sim, em utilizar aquele recurso com a finalidade de gerar um determinado efeito.

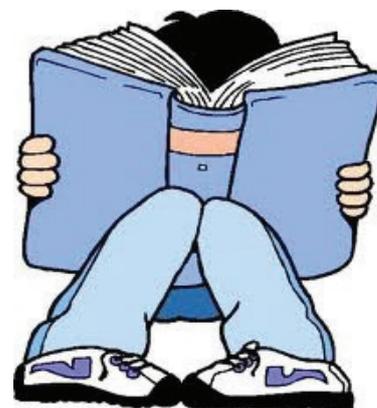


Fig. 02 - Leitura

Para elaborar uma boa análise, é preciso captar o que o texto nos oferece e trabalhar essas chaves de leitura a partir de nosso conhecimento de mundo, somado, é claro, a uma boa pesquisa sobre estilo, sobre o autor, sobre tudo o que pode favorecer a nossa interpretação. As palavras nos interrogam, "trouxeste a chave?" nos dizem as palavras em estado de dicionário, lembra Carlos Drummond de Andrade no poema

*Procura da poesia.* Essa chave se faz a partir da leitura integrada de todos os elementos que compõem o texto.

O professor Antonio Candido, referência imprescindível na leitura literária no Brasil, tem um texto em que ele faz um *Exercício de leitura* (1975). Eu li esse texto ainda na época em que fazia minha graduação em Letras e nunca mais o esqueci. Gosto de retomá-lo sempre que vou tratar de análise poética. Por isso, ele será o guia da primeira parte desta aula. Ele inicia seu texto afirmando:

Quase sempre é mais fácil lidar com os elementos "difíceis" do texto, mesmo porque muitas vezes é o leitor que os faz parecer tais. O presente artigo procura sugerir a conveniência do contrário, isto é, que a análise correta se torna mais acessível, tanto para o professor quanto para o aluno, quando começamos realmente pelo que há de mais evidente e corriqueiro. (CANDIDO, 1975, s/p.)

O autor nos lembra de que, quando estamos muito preocupados em desvendar os mistérios do texto, acabamos por não nos concentrar no que está mais à nossa vista, no mais óbvio. Esses elementos óbvios, no entanto, são os que nos permitirão chegar às entrelinhas e aos elementos mais complexos do texto. Por isso, precisamos sempre começar por eles. E ele continua, dizendo:



Fig. 03 - Foco no texto

O jovem contista pensa que a verdadeira demonstração de força consiste em descrever um estado de alma complexo, uma tempestade ou o estouro da boiada; mas O. Henry dizia que a prova dos nove seria descrever uma galinha atravessando um pátio. Aí, não há fuga para a grandiloquência nem camuflagem por meio do patético, mas a nua capacidade de escrever, - e é o que importa. (CANDIDO, 1975, s/p.)

Portanto, a simplicidade e a qualidade de uma leitura, análise poética, interpretação, consiste em fazer um exame a partir dos indícios, daquilo que o texto nos apresenta, lendo os elementos constitutivos do texto. Primeiro a estrutura, em seus detalhes: a forma, o vocabulário, os sons, a pontuação, o ritmo, a categoria gramatical dos vocábulos, a estrofação, enfim, os elementos significantes do corpo do texto devem ser detalhadamente analisados e trazidos à luz pelo leitor.

Após essas considerações iniciais, Antonio Candido nos propõe oito passos para caminharmos ao longo da análise de um poema. Esses oito passos vão ser indicados e brevemente comentados a partir de agora.

1. *O objetivo da análise não é o poeta nem o leitor, mas o poema.*



Fig. 04 - livro

Ao fazer essa consideração, Antonio Candido nos lembra de que o posicionamento crítico do leitor deve ser o de ouvir o texto e tentar compreender o texto. Não se deve, *a priori*, buscar informações sobre o texto na vida do autor. Não é que a vida ou os comentários gerais sobre a obra daquele autor não sejam úteis. São e poderão ser mais ou menos úteis dependendo do texto. Mas o leitor não pode iniciar por esses elementos, pois cada poema é um objeto único e como tal tem elementos que lhe são intrínsecos e que precisam ser observados em primeiro lugar, como afirma o próprio Candido em seu segundo passo:

2. *Isto significa que, pelo menos a princípio, o poema deve ser tratado como um "objeto" independente, observado a partir de características que são próprias dele, não do poeta nem do leitor.*

Por isso, diz Candido, não se pode buscar imediatamente o tema do texto, mas fracioná-lo em partes que só depois de novamente compostas à luz de uma interpretação, chegariam ao tema. Isso é o que ele indica em seu terceiro passo:

3. *Logo, não começar definindo o "tema", pois isto equivaleria a fornecer o significado central antes da análise, isto é, importaria em dispensá-la ou deformá-la por uma conclusão precoce. A análise poética demonstra, frequentemente, que o "tema" quase nunca é o "assunto" ostensivo, ou a conclusão expressa; mas algo escondido, que é preciso descobrir.*

O fato é que o tema do poema geralmente surge para o leitor à medida que ele avança na descoberta de sua estrutura. Ele nunca se oferece à primeira vista. Ele, aliás, raramente é o título, como muitas vezes tendemos a pensar. O tema pode até contradizer o título. Ele também não é necessariamente o assunto. Esses são elementos da superfície do texto e o tema é sempre implícito. Por isso, o autor justifica:

4. *Uma análise objetiva e metódica deve começar pelos elementos por assim dizer "palpáveis" do poema, isto é, os que só existem nele, não no espírito do autor ou do leitor. Depois irá para a determinação dos múltiplos "sentidos" que brotam da sua dinâmica, e acabará nos "significados", projeções do sistema de sentidos parciais.*

Esses "significados" do texto exigem, para ser descobertos, o estabelecimento de relações. Ou seja, não basta identificar as aliterações, rimas, metáforas. É preciso pensar que função essas figuras exercem naquele texto em particular. Porque o poeta utilizou aquelas imagens

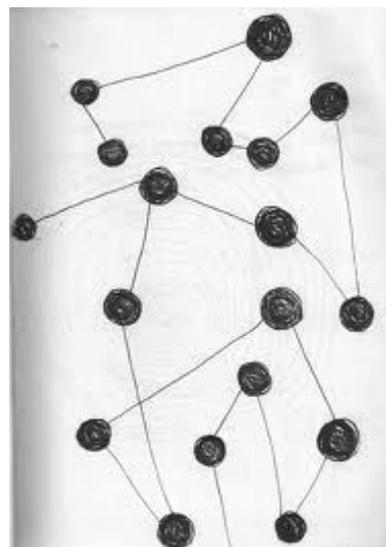


Fig. 05 - Pontos conectados

e sons e não outros. Estabelecer essas relações vai exigir do leitor que ele recorra a outras fontes: dicionários, textos teóricos, dependendo do que se está observando. Assim:

5. *Sempre que couber, a primeira operação deve ser o estudo dos elementos relativos ao gênero onde o poema se enquadra, pois eles são normas anteriores que se tomam um ponto de partida impessoal.*

Por exemplo, o poema *Canção do vento e da minha vida*, de Manoel Bandeira, não se chama canção à toa. Com certeza, o autor estava procurando imprimir no poema alguma melodia. Não é à toa, portanto, que o poema apresenta inúmeras anáforas e outros recursos que imprimem musicalidade ao texto, como o uso das redondilhas, da pontuação, que força pausas na leitura, etc. Veja a primeira estrofe:

O vento varria as folhas,  
O vento varria os frutos,  
O vento varria as flores...  
E a minha vida ficava  
Cada vez mais cheia  
De frutos, de flores, de folhas.



Fig. 06 - árvore com vento

(BANDEIRA, Manuel. *Canção do vento e da minha vida*. Disponível em: <http://www.literaturaemfoco.com/?p=67> Acesso em 21 de fev. 2012).

6. *A seguir, é preciso esclarecer o sentido de cada palavra e cada verso.*

Compreender a forma do poema, somente, também não é suficiente. É preciso compreender o seu vocabulário e também como o assunto é organizado no texto. Por exemplo, leia o poema de Mário Quintana, a seguir:

#### **Bilhete**

Se tu me amas, ama-me baixinho  
Não o grites de cima dos telhados  
Deixa em paz os passarinhos  
Deixa em paz a mim!  
Se me queres,  
enfim,  
tem de ser bem devagarinho, Amada,  
que a vida é breve, e o amor mais breve ainda...



Fig. 07 - bilhete

(QUINTANA, Mário. *Bilhete*. Disponível em: <http://www.casadobruco.com.br/poesia/m/bilhete.htm> Acesso em 20 de fev. 2012).

Fica bem evidente que o poema é constituído de versos livres, o título *Bilhete* aponta para a forma curta (apenas 8 versos organizados em uma só estrofe) e para o vocabulário simples. Esse pretense bilhete é endereçado a alguém que ama o eu lírico, observe que o eu lírico em nenhum momento afirma que esse amor é recíproco. O remetente do bilhete pede que aquela pessoa seja discreta em seu amor, isto é, que não grite, ou espalhe que o ama, porque ele, o eu lírico, precisa de paz, de um amor suave. Por quê? Porque, para ele, a brevidade da vida demonstra que o amor é um sentimento ainda mais breve.

Mas, enfim, o assunto é só um bilhete para a amada? Será que ele não diz algo mais? Bem, o fato é que, para responder a essas perguntas, que podem levar ao tema do poema, é preciso, primeiro, compreender o que ele diz. Para isso, não importa apenas conhecer as palavras, mas o sentido que elas produzem em conjunto. Só depois se podem investigar as possibilidades significativas mais profundas.

*7. Em terceiro lugar, focalizar os elementos "materiais", os mais "palpáveis" de todos: metro, ritmo, rima, estrofação, pontuação e, sobretudo, a relação entre eles.*

Essa nova etapa da leitura implica em escandir os versos, identificar o tipo de estrofes, o esquema rítmico do poema, as figuras de linguagem mais evidentes, os recursos sonoros, rimas, aliterações, enfim, todos os elementos que possam ser extraídos do texto. Mas só identificar e indicar quais são esses elementos também não é o suficiente. Por isso, Antonio Candido aponta o oitavo e último passo.

*8. Nessas etapas, é preciso fazer um esforço para passar da descrição atomizada de cada elemento para a correlação entre eles, pois é esta que revela a fórmula própria do poema.*



Fig. 08 - Inter-relações

Compreender a correlação entre esses elementos é que vai nos permitir entender que o poema de Mário Quintana, *Bilhete*, citado acima, não é meramente um bilhete para uma amada, também não é apenas um bilhete que pede descrição amorosa a alguém que o ama. É, para além desses elementos superficiais e significantes do texto, uma reflexão sobre a efemeridade dos sentimentos, irremediavelmente ligados à brevidade da vida.

Bem, esses passos indicados por Antonio Candido, são fundamentais, como já foi dito, mas eles não são uma receita, são conselhos importantes que se deve seguir e que podem ser complementados com uma leitura sobre o estilo do autor que se está estudando ou o estilo de época a que ele pertence, ou mesmo, sua biografia. Esses elementos podem ser muito úteis para nos ajudar a compreender aspectos mais detalhados do texto. Mas eles não devem ser a nossa primeira preocupação, eles são sempre complementares quando se trata de análise de poemas.

Elaborar a análise, como dissemos, é um exercício. Esse exercício primeiro desvela a estrutura do texto, mas depois, é preciso elaborar uma síntese dessa análise, ou seja, estabelecer as correlações em um texto coeso e coerente. É um exemplo de uma análise que você verá na segunda parte desta aula, mas, antes, que tal dar uma paradinha e fazer um exercício sobre o que você estudou até aqui?



## Mãos à obra

1. A partir do que você leu na primeira parte desta aula, qual seria a diferença entre assunto e tema?

---

---

---

2. Quais são os elementos que constituem a estrutura do texto?

---

---

3. O que é análise poética?

---

---

## 2. Um exercício de análise

Nesta parte da aula, você vai ler o poema *Depois do sol*, de Cecília Meireles. Leia e tente imaginar como seria uma análise que valorizasse o estilo específico da escritora, identificando os recursos utilizados e os sentidos propostos a partir dessa leitura.

### Depois do sol...

Fez-se noite com tal mistério,  
Tão sem rumor, tão devagar,  
Que o crepúsculo é como um luar  
Iluminando um cemitério . . .

Tudo imóvel . . . Serenidades . . .  
Que tristeza, nos sonhos meus!  
E quanto choro e quanto adeus  
Neste mar de infelicidades!

Oh! Paisagens minhas de antanho . . .  
Velhas, velhas . . . Nem vivem mais . . .  
— As nuvens passam desiguais,  
Com sonolência de rebanho . . .

Seres e coisas vão-se embora . . .  
E, na auréola triste do luar,  
Anda a lua, tão devagar,  
Que parece Nossa Senhora

Pelos silêncios a sonhar . . .

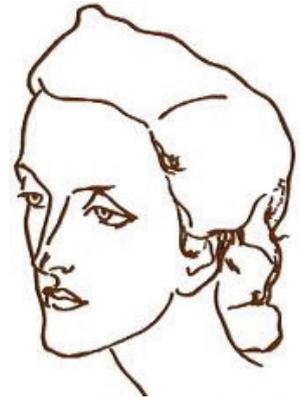


Fig. 09 - Cecília  
Meireles

Fazendo uma apreciação bem rápida da estrutura do poema, você pode identificar a formação em estrofes de quatro versos, isto é, em quartetos, ou quadras. Cada estrofe apresenta um esquema de rimas finais que seguem o mesmo padrão (o primeiro verso rima com o último e os dois do meio rimam entre si), elaborando o seguinte esquema:

Fez-se noite com tal mistério, (A)  
Tão sem rumor, tão devagar,(B)  
Que o crepúsculo é como um luar (B)  
Iluminando um cemitério . . . (A)

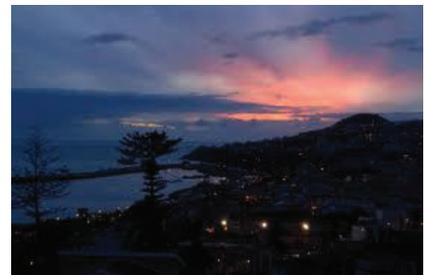


Fig. 10 - anoitecer

Tudo imóvel . . . Serenidades . . . (C)

Que tristeza, nos sonhos meus! (D)

E quanto choro e quanto adeus (D)

Neste mar de infelicidades! (C)

Oh! Paisagens minhas de antanho . . . (E)

Velhas, velhas . . . Nem vivem mais . . . (F)

— As nuvens passam desiguais, (F)

Com sonolência de rebanho . . . (E)

Seres e coisas vão-se embora . . . (G)

E, na auréola triste do luar, (B)

Anda a lua, tão devagar, (B)

Que parece Nossa Senhora (G)

Pelos silêncios a sonhar . . . (B)

É um esquema de rimas muito bem marcado, que não se altera a não ser no final. Observe que há sempre rimas interpoladas, que se caracterizam por trazer, entre o primeiro e o quarto verso de cada estrofe, dois versos com rimas paralelas. Há, portanto, uma certa cadência, uma certa melodia, pontuada pelas rimas que se mantêm constantes. A não ser no final, porque há um só verso solto. E por que será que há essa leve alteração? Por que esse verso solto? Essas são questões que devem estar presentes quando se tentar compreender o assunto do poema.

E o ritmo? Como esse é um poema bastante regular em termos de metrificação, vamos escandir apenas a primeira estrofe e, com certeza, ela nos indicará o tamanho do verso e o ritmo predominante.



Fig. 11 - Luar

Fez/-se/ NOI/te/ com/ tal/ mis/TÉ/rio, - ER 8 (3-8)

Tão/ sem/ ru/MOR,/tão/ de/va/GAR, - ER 8 (4-8)

Que o/ crê/PÚS/cu/lo é/ co/mo um/ LUAR - ER 8 (3-8)

I/lu/mi/NAN/do um/ ce/mi/TÉ/rio . . . - ER 8 (4-8)

Observe que o esquema de ritmo também se mantém regular, há sempre uma relevância dada à 3ª ou 4ª sílaba tônica de cada verso. E depois, evidentemente, à sílaba final, a 8ª sílaba de cada verso. Essa relevância entre a terceira e quarta sílabas do meio do verso remete à mesma alternância que se observa no padrão de rimas. Evidentemente, pode haver pequenas alterações do ritmo ao longo do poema, com predominância ou da 3ª sílaba do verso ou da 4ª. Mas isso não altera muito o ritmo do poema, que se mantém lento e bastante suave. Essa imprecisão, aliás, dá um tom ainda mais sutil e suave ao ritmo, como uma música bem lenta que soa nos ouvidos do leitor a cada leitura do poema.

Bem, se observarmos mais atentamente o plano sonoro do poema, podemos identificar a alternância de vogais mais orais e abertas, com vogais mais fechadas, como se a autora estabelecesse uma oscilação constante entre aberto e fechado. Veja o destaque:

FEz-se nOite com tAl mistÉrio,(A)

TÃo sem rumOr, tÃo devAgar,(B)

QuE o crepÚsculo É cOmo um luAr (B)

IluminAndo um cEmitÉrio . . . (A)

É claro que essa alternância, assim como o ritmo, não é precisa. Mas ela oferece uma atmosfera mais intimista ao poema. Um poema com predominância de sons orais e abertos é, com certeza, menos intimista que um que apresenta uma alternância entre sons orais e abertos e sons fechados ou nasais.

Se observarmos agora o plano semântico, perceberemos que na primeira estrofe a autora apresenta uma paisagem já introduzida pelo título (*depois do sol ...*). O crepúsculo, para a autora, vem devagar e é comparado ao luar<sup>1</sup>. O luar ilumina um lugar específico: um cemitério. Essa paisagem noturna, portanto, não é sensual, nem alegre, é sombria. Sombra e luz, um dos contrapontos expostos no texto (positivo X negativo ou aberto X fechado) que já se insinuam no plano sonoro, como vimos no parágrafo anterior.

Também se pode observar que o verso solto, ao final do poema, é finalizado por reticências, como a indicar que se deixou algo em aberto, algo a dizer, não é mesmo? O mesmo uso das reticências também está no título do poema, que deixa em aberto o período de tempo a que o texto remete. Se pensarmos apenas de forma literal, depois do sol seria só a noite em si, ou tudo o que vem com a noite?



Fig. 12 - Tristeza

<sup>1</sup> Identificamos uma figura de linguagem presente no poema: a comparação: o crepúsculo é como um luar iluminando um cemitério.

Da paisagem externa, a autora passa, na segunda estrofe, aos seus sonhos e sentimentos, em que ela prioriza a tristeza e a infelicidade. Nessa paisagem interna, predominam os tons sombrios, mas, ao mesmo tempo, apesar da tristeza, há serenidade.

Essa união entre a paisagem externa (noturna) e a paisagem interna (os sentimentos do eu-lírico) é expressa através do uso de figuras de linguagem como a personificação, que imprime nas coisas inanimadas, como o luar e a paisagem, sentimentos humanos, como a tristeza: paisagens que não vivem mais, nuvens com sonolência, auréola triste.

A paisagem é permeada, nas duas últimas estrofes, pelas lembranças, que não vivem mais, estão mortas. O contraponto entre positivo e negativo permanece, pois essa estrofe ao mesmo tempo em que lamenta a impossibilidade de reviver o passado, traz uma imagem de sono tranquilo, como um rebanho de ovelhas em nuvens que passam desiguais. Como se a morte não permitisse tristezas, nem alegrias, apenas uma serenidade melancólica.



Fig. 13 - Luar no cemitério

A perda das coisas equivale à luz triste do luar. Mas a lua, tão devagar, ilumina essa tristeza e conforta, numa imagem de luz que lembra Nossa Senhora. A autora, aqui, remete à sua própria religiosidade, que, como a luz da lua, ilumina as sombras e a conforta. E no silêncio, a autora aponta o sonho. Um sonho que se abre em reticências. Seria ainda o remoer das lembranças? Ou seria a fuga da tristeza? Está em aberto. Ela sugere, o leitor sensível, interpreta. Assim, se retomarmos o significado de “depois do sol...”, pensando o sol como luz/dia, podemos concluir que depois do sol, há a noite, com a noite vêm os sonhos as lembranças. Mas, se pensarmos a luz do sol como vida (fonte de vida), depois do sol, vem a morte. A morte pode ser nada (ausência de vida, de sentimentos, de dor, de alegria, etc). A morte pode ser vista como um passar sereno pela eternidade (imagem que reforça o apelo à religiosidade da penúltima estrofe, Nossa Senhora que, pelo céu, como a lua, sonha...<sup>2</sup>

Enfim, esse poema oferece inúmeras possibilidades de interpretação. Essa é uma leitura bastante rápida do poema, mas já aponta algumas escolhas estilísticas da autora que, por sua vez, denotam a convergência de elementos entre os planos de forma e conteúdo do texto. Para complementar essa análise, poderia, por exemplo, ser feita, uma investigação acerca das escolhas temáticas da autora. A melancolia e a religiosidade estariam presentes de forma recorrente em sua obra? Bem, eu deixo essa pergunta para você, quem sabe ela o instiga a elaborar a sua própria análise do poema?

---

<sup>2</sup> Todas essas imagens, remontam à nossa aula 11, lembra? Em que falamos da metáfora como um recurso que o poeta utiliza para a criação de imagens com as palavras.



1. Leia o poema a seguir e elabore uma análise procurando seguir os passos indicados ao longo desta aula e sintetizando uma síntese de sua leitura em texto.

### Morena

|                        |                     |
|------------------------|---------------------|
| Ó moça faceira,        | E eu vivo adorando  |
| Dos olhos escuros,     | Meu anjo formoso,   |
| Tão lindos, tão puros, | O brilho radioso    |
| Qual noite fagueira!   | Que vão derramando. |
| <br>                   | <br>                |
| Criança morena,        | Em chamas serenas,  |
| Teus olhos rasgados    | Tão mansas e puras, |
| São céus estrelados    | Teus olhos escuros, |
| Em noite serena!       | Ó flor das morenas! |
| <br>                   | <br>                |
| Que doces encantos,    |                     |
| No brilho fulgente,    |                     |
| No brilho dolente      |                     |
| De teus olhos santos!  |                     |



Fig. 14 - Auta de Souza

Auta de Souza (1876 a 1901) é uma poetisa potiguar que apresentava traços românticos e simbolistas em sua poesia, permeadas também de uma intensa religiosidade.

Para saber mais: [http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/auta\\_vida.html](http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/auta_vida.html)



## Já sei!

---

Nesta aula, você aprendeu oito passos importantes na elaboração de uma análise poética e compreendeu como é importante observar os detalhes da construção do texto que se vai analisar e estabelecer correlações entre eles para, só então, construir o seu próprio texto síntese interpretando o poema.



## Autoavaliação

---

Leia o texto de Antonio Candido, disponível no endereço a seguir e elabore uma análise poética de um poema à sua escolha, tendo como modelo a análise que ele elabora no texto.

CANDIDO, Antonio. **Exercício de leitura**. In: Revista *Texto*, no. 1. Araraquara. 1975. Disponível em <http://www.cesargiusti.bluehosting.com.br/Apoio/exercicio.htm> Acesso em 21 de fev. 2012.



## Um passo a mais

---

Leia outro livro bastante interessante de Antonio Candido, em que você vai encontrar vários exemplos de análise poética:

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1986.



BANDEIRA, Manuel. **Canção do vento e da minha vida**. Disponível em: <http://www.literaturaemfoco.com/?p=67> Acesso em 21 de fev. 2012

CANDIDO, Antonio. Exercício de leitura. In: Revista **Texto**, no. 1. Araraquara. 1975. Disponível em <http://www.cesargiusti.bluehosting.com.br/Apoio/exercicio.htm> Acesso em 21 de fev. 2012.

QUINTANA, Mário. **Bilhete**. Disponível em: <http://www.casadobruzo.com.br/poesia/m/bilhete.htm> Acesso em 20 de fev. 2012

SOUZA, Auta. **Horto, outros poemas e ressonâncias**. Natal: EDUFRN, 2009.

### Fonte das figuras

**Fig. 01** - <http://caminharruminar.blogspot.com/2011/03/catar-feijao.html>

**Fig. 02** - <http://segundosprofes.blogspot.com/2011/05/projeto-leitura-tempo-de-ler.html>

**Fig. 03** - <http://www.benitopepe.com.br/2011/04/07/o-poder-do-foco-percepcao-seletiva-e-o-sistema-de-ativacao-reticular/>

**Fig. 04** - <http://sociedadesofia.wordpress.com/tag/como-escrever-um-livro/>

**Fig. 05** - <http://mysoul111.blogspot.com/2011/04/connecting-dots.html>

**Fig. 06** - <http://pt.dreamstime.com/foto-de-stock-rvore-no-vento-com-folhas-de-queda-image12439390>

**Fig. 07** - <http://correspondenciaviolada.blogspot.com/2009/03/um-bilhete.html>

**Fig. 08** - <http://www.portalodm.com.br/oficina-de-analise-e-interpretacao-de-indicadores--e--433.html>

**Fig. 09** - <http://meirelescecilia.blogspot.com/>

**Fig. 10** - <http://filipepachecofoto.blogspot.com/2011/01/anoitecer-26-janeiro-2011.html>

**Fig. 11** - <http://guriforadospadroes.blogspot.com/2011/02/hoje-noite-nao-tem-luar.html>

**Fig. 12** - <http://atestadodoobvio.blogspot.com/2011/06/o-microbio-da-tristeza.html>

**Fig. 13** - <http://www.flogao.com.br/marloncaro/38750759>

**Fig. 14** - [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Auta\\_de\\_souza.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Auta_de_souza.jpg)